

## A advertência dos fatos

Prudência e caldo de galinha costumam não fazer mal a ninguém, especialmente a cambaleantes lideranças políticas. O conselho antigo, sempre bom e atual, cal como uma luva nas mãos dos que compõem as hostes governistas, que começam a mover céus e terras para que a agonia — do que nasceu governo de transição — perdure ao longo do próximo ano. Talvez seja o caso de lembrar a todos os homens do presidente, conselheiros de primeiro plano ou não, que é melhor não insistir na tese dos cinco anos de mandato, para que não se agrave a crise política até o desconhecimento. Se os conselheiros e estrategistas do Planalto ainda não se aperceberam disso e continuam acreditando que a questão do mandato presidencial é meramente um problema partidário, conviria que atentassem para os sinais que a realidade começa a emitir: diferentes extremos do espectro ideológico congregam-se em um mesmo denominador comum, o das eleições diretas e gerais já, com mandato máximo de quatro anos.

São diversas as manifestações neste sentido. A última delas é de lideranças tão distintas como as dos deputados paulistas Guilherme Affif Domingos e Luís Ignácio Lula da Sil-

va, que procuram aproximações públicas para dar maior ênfase ao recado de suas bases: a paciência popular tem limites e o teto deles são os quatro anos. Enquanto Affif lembra que a insistência em forçar a Constituinte a aprovar o mandato de cinco anos poderá levar o País a uma situação "pior ainda", o líder do PT profetiza o que a insistência provocará: "Haverá um movimento de rebelião, uma desobediência civil no País". Quem negará a procedência desse vaticínio, quando desde os que seguem o senador Mário Covas até os que acompanham o sr. Ronaldo Caiado têm um mesmo alvo: eleições diretas o quanto antes? É cristalino o desejo da opinião pública brasileira; é claramente perceptível o risco de agravamento das tensões sociais contido na proposta dos cinco anos de mandato para o sr. José Sarney. As diferentes lideranças políticas são simplesmente porta-vozes de uma aspiração coletiva. Não acreditamos que os estrategistas do Planalto desconheçam a História a ponto de pretender governar contra a Nação! Caso tais estrategistas acurciem algumas idéias satânicas, convém prestar atenção às palavras do senador Virgílio Távora, para quem as "tro-

pas" nunca ficarão contra a Nação. Ou seria o caso de lembrar frase atribuída a um Bonaparte, segundo a qual se pode fazer tudo com as baionetas, menos sentar-se nelas?

O Planalto parece fazer ouvidos de mercador a quaisquer conselhos: começa propondo bons negócios para os que aderirem, mesmo que sob constrangimento, pouco importa, reservando as mais terríveis ameaças profundas aos que resistirem aos cantos das serenas. As 317 assinaturas de constituintes em favor de um mandato de cinco anos para o presidente Sarney não significam necessariamente que esse será o resultado da votação em plenário; todos sabem como tais assinaturas são recolhidas, com que isenção de critérios se "pedem" estes apoios no papel. Por saber disso, o Planalto insinua a sua capacidade de retaliação, forçando um governador de estado, em legítima defesa, a declarar a sua descrença de que a Constituinte vá "bater a carteira da História", decidindo contra a vontade da Nação. Não é para menos, pois o que se vem fazendo contra Alagoas é grave. No mundo napolitano, o dono de uma *villa*, que não obedecia aos desígnios da *Cosa Nostra* conheceu um primeiro casti-

go: cortaram-lhe a água, mesmo que para isso tenha sido preciso desviar o curso do rio. Terá sido este o modelo inspirador dos técnicos do Ministério da Habitação e Desenvolvimento Urbano, que não podem aprovar um projeto de abastecimento de água de Maceló, dada a posição do governador do estado quanto ao mandato do presidente, chegando ao ponto de retilar a aprovação de verba, para o referido projeto, da pauta de uma reunião de diretoria da Caixa Econômica Federal?

A emenda que propõe o mandato de cinco anos para o sr. José Sarney é de autoria do deputado Matheus Iensen, que a justifica de forma curiosa: "Sarney chegou à presidência porque Deus assim o quis". O deputado talvez não saiba que a História registra outra liderança que assim também se justificava, "Caudillo por la gracia de Dios", com toda a certeza, a bondade divina poupará a sofrida nação brasileira de maiores e prolongadas expiações. Quanto ao Planalto, com os seus conselheiros e estrategistas, talvez fosse o caso de seguir a mineira opinião do ministro-chefe do Gabinete Civil, Ronaldo Costa Couto, para quem "todo cuidado é pouco".